

As moiras encantadas

(Diálogo de HERNANI DE LENCASTRE, interpretado ao microfone de Rádio Guanabara, do Rio de Janeiro, em sua emissão de 13 de Março, do corrente ano de 1952, dedicada ao Algarve).

— Pelo que depreendo, acredita em moiras encantadas...

— Sim, acredito!... E não me sinto diminuído por isso.

— Muito me surpreende que assim seja!... Supunha eu que essas histórias maravilhosas eram para crianças e não para gente grande, habituada à realidade...

— E o que é a realidade? Alguém já jamais conseguiu precisar onde começa e onde acaba?... Como observou algures, numa hora atormentada, certo príncipe da Dinamarca: há mais coisas no Céu e na Terra do que a nossa filosofia imagina...

— E êsses encantamentos persistem nos seus efeitos, não obstante dobrado o meio do nosso século!?

— O tempo aqui não corresponde à noção que dele fazemos... Para que se quebrem, tudo está em que se profira a palavra mágica ou que surja o acontecimento previsto, segundo o que foi fadado...

— E ainda existem em Portugal muitas moiras encantadas?

— Não muitas, tirando o Algarve. Nesta região do Sul do país, por ser aquela em que a Moirama manteve mais prolongado domínio, é que restam relativamente bastantes. Com o dobar dos anos, muitos encantamentos se foram quebrando... Porém, outros perduram, envoltos no seu mistério, indiferentes à marcha dos séculos.

— E aparecem em qualquer lado?

— Quase sempre, junto de cisternas, de noras, poços... em determinadas noites. No velho castelo de Silves, é na noite de São João que revelam sua presença. Nos subúrbios de Tavira, a vetusta e histórica cidade do Gilão, aí pelo sítio do poço de Vaz Varela, uma há que surge em quase tôdas as noites em que a lua domina nas alturas... de preferência quando as amendoeiras florescem.

— Acho tudo muito estranho!

— Não nego!... Os prodígios da Magia resultam sempre estranhos para profanos, como nós.

— É impossível que acredite nessas histórias que me conta, de moiras cumprindo fados no reino islâmico do Algarve que as hostes lusas de há tanto cristianizaram! De certo, procura divertir-se comigo...

— Não assim! Acredito nas moiras encantadas como acredito no Sol e na Lua.

— Desculpe, mas a comparação não vale! O Sol e a Lua vêmo-los, com nossos olhos...

— Se a questão está nisso, quem lhe disse que meus olhos não viram já, também, uma dessas moiras!?

— Explique-se, que o não entendo!...

— Nada tem que entender!... Vi uma moira encantada.

— Mas como... e onde?

— Quer então que lhe explique!? Pois bem, foi nesse mesmo reino islâmico do Algarve, hoje cristianizado pelas hostes lusas...

— Não há dúvida! Pretende divertir-se à minha custa...

— Pesa-me que faça maus juízos a meu respeito... Creia que falo verdade!... Foi numa noite calma e luarenta... Tôda a terra, por aquelas redondezas, adormecera... A única casita que por ali havia, mancha de cal alvinitente, com sua chaminé artística e caprichosamente lavrada, verdadeira renda de preciosos arabescos, ao gôsto algarvio, parecia abandonada ao mais tranquilo dos sonos, como que sonhando... Ao longe, o latir esbatido e sonâmbulo dum cão constituía a única nota de vida, perdida naquele sossêgo... Perto, de quando em quando, o leve e quase imperceptível rumor da branda viração, agitando um ou outro ramo mais mimoso das amendoeiras em redor, completamente floridas... Um consagrado poeta algarvio comparou estas árvores, em flor, com meninas da primeira comunhão... Agora, mais do que nunca assim pareciam...

— Não diga mais!... A sua moira encantada foi uma dessas amendoeiras!

— Pode pensar assim, mas não eu... O que vi tinha, é certo, a beleza da flor da amendoeira quando o luar a beija... Todavia, deslizava... deslizava, em silêncio, por entre as amendoeiras, com a majestade e a graça duma princesa oriental das mil e uma noites, envolta em vaporoso manto, qual nuvem de fumo transparente... O rosto, coberto por diáfano véu...

— E, só porque teve essa visão, acredita...? Não teria sido melhor abeirar-se dela, procurar estreitá-la em seu braços, tocá-la com suas mãos?

— Há pouco, dava a entender que bastava que nossos olhos vissem...

— Não queira comparar!... Se tem feito o que digo, se houvesse tentado, com as simples pontas dos dedos que fôsse, tanger essa miragem, teria quebrado seu encanto... descoberto a verdade, isto é, que as tais moiras encantadas só existem na imaginação de alguns poetas...

— Êsse o seu engano!... Minhas mãos nunca podem desmentir meus olhos. Porque haveria a verdade de estar nas minhas mãos e não nos meus olhos?! A verdade é apenas aquilo em que acreditamos. Que adiantava assistir, por essa forma, ao desfazer da minha visão, vê-la fundir-se na própria noite, confundir-se com as amendoeiras em flor, retirar-se, enfim, como apareceu?! Se são assim mesmo as moiras encantadas!...